

# CONJURO DA QUEIMADA

Lume, luminho do verde caminho.  
Da fraga à lareira faz-se a lumeira.  
Lume da quentura prá nossa fartura  
Chama abençoada que roda a queimada.

Pingóta de orvailho, auga do agoiro.  
Cerqueira de lume sem trasno nem fume.  
Nem bruxa chuchona, nem meiga ventona.  
Rolar moineiro, chiscar faisqueiro.  
Mojena lumiosa, vagalume vermelhosa.

Viradeira de luz, faremos a cruz  
Pelo ar da sorte que escorrenta a morte,  
Pela auga da vida que sara a ferida,  
Pela erva-moura do o que abusca atesoura,  
Pela pedra do raio que mata o meigailho.

Lume, lume, lume,  
Lume lumeada  
Para alouminhar  
A queima queimada  
Da vida virada  
Do borburelhar.

(Agora digam todos comigo:)

Por S. Roque, com o palitroque.  
Por S. Silvestre, com a arruda agreste.  
Por S. Salvador, leva todo o calor.  
Por S. Jorge, que enche o alforge.  
Por Santo António, que afasta o demónio.  
Por S. João, raio de trovão.  
Por Santiago, queimada te fago.  
E por Santo André, queimada é.

(Agora com ênfase:)

Mochos, corujas, sapos e bruxas,  
Demónios, diabos, trasgos e dianhos,  
Espíritos das enevoadas veigas,  
Corvos, pintegas e meigas,  
Passos que ressoam, mortos-vivos,

Mezinhas e feitiços das mezinheiras.  
Podres canhotas furadas,  
Lar de vermes, alimárias e dianhas.  
Gritos das almas penadas,  
Fogos das Santas Campanhas.

Mau-olhado, negros feitiços,  
Ventos malfadados do norte,  
Cheiro dos mortos, trovões, raios e coriscos,  
Uivar do cão, pregão da morte.

Terra do cemitério, crua e benzida,  
Gritos no silêncio, cegos morcegos,  
Grandes sapos de boca cozida,  
Orelha de cão e maus bruxedos.

Nariz de rato, pata de coelho,  
Ovelha preta, bode de grande porte,  
Perna de cabrito podre e velho,  
Pó de sôtão de má sorte.

Mistela feita com ruim colher,  
Focinho de sãtiro, dente de fedelho,  
Pecadora língua da má mulher  
Casada com um homem muito velho.

Fogo dos cadáveres ardentes,  
Averno de Satãs e Belzebus,  
Corpos mutilados dos indecentes,  
Peidos de infernais cus.

Mugido de maresia embravecida,  
Barriga inútil da mulher solteira,  
Guedelha de porca e de cabra mal parida,  
Miar de gatos que andam à janeira.

Com esta colher levantarei  
As chamas deste fogo que se assemelha ao do inferno,  
E doravante... até ao eterno...  
Fugirão as bruxas a cavalo nas suas vassoiras,  
Indo-se banhar na praia das areias loiras.

(ouvem-se gritos, uivos e assobios...)

Escutem! Escutem!  
Ouçam os rugidos que dão  
As bruxas a queimar-se com esta aguardente,  
Transformando-se em donzelas  
Purificadas para todo o sempre.  
E quando estas mistelas baixarem pelas nossas goelas  
Também purificadas ficarão elas  
Nesse preciso momento.  
E ficaremos livres dos males da nossa alma  
E de todo o embruxamento.

(Um momento de suspense... e depois:)

Forças do ar, terra, mar e lume,  
A vós faço agora esta chamada:  
Se é verdade que tendes  
Mais poder que as humanas gentes,  
Aqui e agora, fazei com que os espíritos  
Dos amigos que estão fora,  
Participem connosco desta queimada.

(Todos repitam o que eu disser, verso a verso:)

Por Santiago, S. Jorge e S. Simão,  
Tirai de nós os nossos medos.  
Por S. Pedro, Santo António e S. João  
Afastai de nós os maus bruxedos.

Pelos Peregrinos...  
Que cheguem a Santiago para ouvir os sinos.  
Pelas Caminhadas...  
Que nos tragam muitas Queimadas.

E finalmente...  
Pelas bolhinhas, pelas bolhonas e até por mim,  
Juro agora beber tudo até ao fim.